

A série O que eles deixaram no manicómio Há oito anos, saíram do primeiro hospital psiquiátrico português, o Miguel Bombarda, em Lisboa, os seus últimos 24 “habitantes”. O fecho pôs fim simbólico à era dos manicómios no país. Mas esses homens e mulheres não foram os últimos a deixar o hospital. No sótão do edifício principal ficou ainda, durante meses, uma caixa de cartão com objectos pessoais de antigos doentes. Nunca reclamados. Um bilhete de identidade cosido à mão. Uma caixa com ponteiros de relógio. Um passaporte de um capitão de longo curso. Várias fotografias a preto e branco onde aparece muitas vezes um homem franzino. Que vidas tiveram os seus donos?

A saída de Simão

Série O que eles deixaram no manicómio (IV) Há no conjunto das 33 fotografias que Simão de Carvalho Proença deixou no hospital psiquiátrico uma que atrai mais. É a cena de um homem envelhecido rodeado de família. Parece um momento feliz, parece Simão

Por **Catarina Gomes** texto e **Paulo Porfírio** fotografias





Simão de Carvalho Proença tivesse conseguido chegar ao sítio para onde se destinaria naquele dia, quando seguia junto à linha de caminho-de-ferro, o que procuraria já tinha sido deitado abaixo.

No lugar da sua antiga casa encontraria um edifício de escritórios e um centro comercial em fase final de construção. Tudo o mais que tinha deixado naquele local há quase 40 anos – do tempo das fotografias a preto e branco que trazia guardadas na carteira castanha – já não existia.

No n.º 31 da Avenida António Enes, em Queluz, fica hoje um prédio de escritórios abandonado com um centro comercial no piso térreo. Uma das lojas ainda com sinal de vida é um estúdio de fotografia, onde aproveito para perguntar por um homem que viveu naquela morada há muitos anos: “Aqui nunca viveu ninguém. Isto foi sempre prédio de escritórios e centro comercial.” “Não havia nada antes. Eu estou cá desde o início”, garante-me também o segurança, sentado na cave do edifício, referindo-se ao longínquo ano de 1985.

Não é a primeira vez, nestas minhas buscas, que um “nunca”, um “sempre” e um “antes” são usados de forma absoluta para se referirem ao tempo de vida de quem fala, porque o passado e o presente são os seus e é como se não concebessem nem tempo nem existências anteriores às suas.

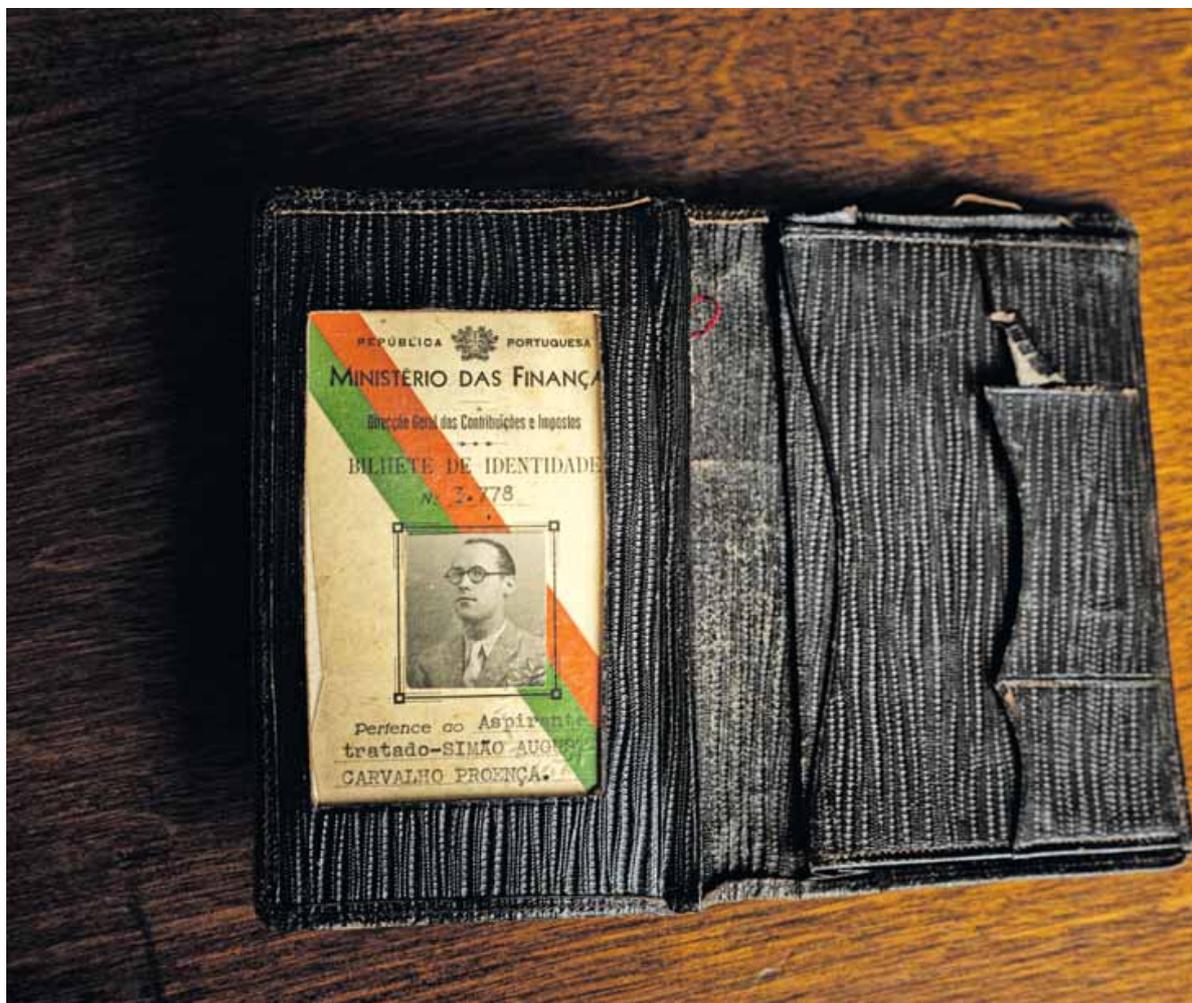
No n.º 31 existia antes – ainda o funcionário do estúdio de fotografia não tinha nascido e o segurança sentado na cave do edifício seria uma criança – uma casa “com um pequeno jardim em roda, um poço de água e um pequeno tanque”, descreve o registo predial. “O 1.º andar tinha sete divisões”. Era lá que morava Simão de Carvalho Proença, antes de ter sido internado no hospital psiquiátrico Miguel Bombarda, a 20 de Março de 1947.

Na rua dos comboios

Durante a conversa com o funcionário da loja de fotografias, apercebo-me do som, muito próximo, de um comboio a chegar à gare. Os travões guincham. Simão vivia na rua da estação. As chegadas e partidas de comboios eram a banda sonora dos seus dias. E lembro como guardava na sua carteira rugosa um desdobrável com os horários daquela que era a sua linha, que liga Lisboa a Sintra. Assim como um bilhete de assinatura trimestral para viagens de ida e volta entre Lisboa e Queluz válido até 30 de Setembro de 1944, e um outro válido até Junho de 1945, comprados na estação da sua rua.

Um dos serviços que o estúdio de fotografia do centro comercial presta, o menos importante, é “Restauro e tratamento de imagem: recupere as fotos que julgava perdidas.” O anúncio faz-me regressar às 33 fotografias de Simão que encontrei há oito anos no sótão do antigo Manicómio Bombarda, meses depois do fecho definitivo daquele que foi o primeiro hospital psiquiátrico português. Estavam dentro de uma caixa de papelão velha que parecia conter apenas lixo. Simão era, de todos os antigos doentes que deixaram objectos pessoais, o que os tinha em maior número. Sobretudo fotografias. Numa delas Simão rasgou-se para fora da imagem.

Foram as suas imagens que me conduziram até aqui e me trazem há muito tempo presa a perguntas sobre a sua vida. Ou, melhor, a perguntas sobre a sua doença. Queria eu saber mais sobre este homem se não tivesse



encontrado aquelas fotos no sótão de um hospital psiquiátrico? Há na loucura algo de misterioso.

“Para que serve tanta tolice”

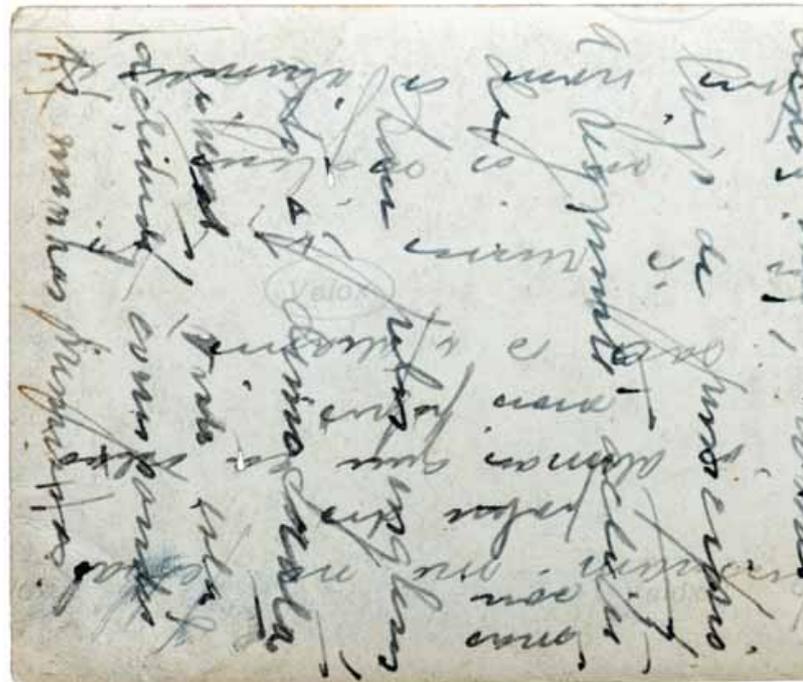
Mas quase tudo nas fotografias de Simão de Carvalho Proença remete para normalidade. Este homem tinha, aparentemente, muitos amigos e família. Com três deles, andou de barco a remos num dia de calor, com outros quatro bebeu cerveja em camisa de alças.

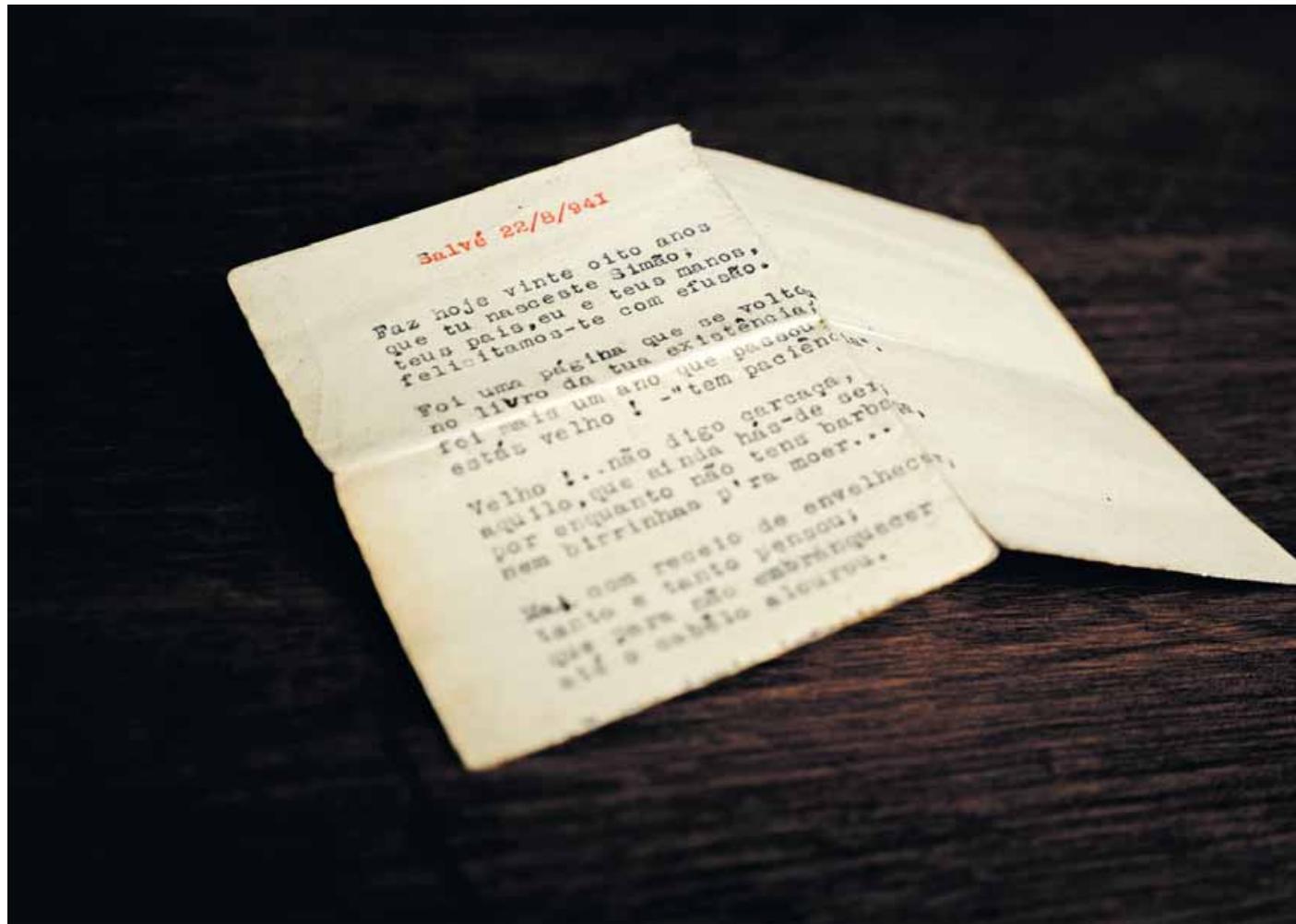
Dentro da sua carteira tinha também um poema em tom galhofeiro, datado de 22 de Setembro de 1941, e que lhe é dirigido. Nos versos uma mulher, que assina Maria Amélia, deseja-lhe futuro. Pelo seu aniversário:

“Faz hoje vinte e oito anos/ que tu nasceste Simão/ teus pais, eu e teus manos, / felicitamos-te com efusão”; “E agora, só prosperidades/ te desejo do coração;/ anos repletos de felicidades/ são os meus votos Simão.”

No poema, Maria Amélia brinca com ele, ficamos a saber que o julga vaidoso: “Mas com receio de envelhecer, / tanto e tanto pensou;/ que para não embranquecer/ até o cabelo alourou.” “De barriga, nem sinal/ só aplainada a quer;/ ver o volume faz-lhe mal/ mas tenho fé, que t’a hei-de ver”. “De calça sempre vincada,/ risca ao meio no cabelo;/ a cara, luzidia, rapada...”

E percebemos que a autora julga os seus cuidados com a aparência talvez exagerados: “Para que serve tanta tolice/ num homem





Dentro da carteira

Simão guardava o seu cartão de funcionário das Finanças, dezenas de fotografias e um poema que lhe foi escrito por uma mulher chamada Maria Amélia, por altura dos seus 28 anos. Tinha também um papel onde manuscreeva a sua assinatura completa de várias maneiras

quasi trintão?...” O poema mostra intimidade entre os dois e passa a ideia de um Simão *dandy*. Que condiz com as fotografias.

Há dez imagens em que aparece sozinho. Há um Simão de perna traçada e calça vinçada num banco de jardim, um Simão de fato e gravata à porta de um prédio, uma mão no bolso das calças, um Simão de sobretudo, um Simão desfocado que sorri, deitado numa cama. Não sabemos se o homem em contraluz também seria Simão.

E há, no conjunto das imagens dentro da caixa do hospital, uma fotografia de família que destoa. Atrai, por ser a mais intimista. É um grupo de oito pessoas, parecem alegres, felizes até.

Desde o início, quis reconhecer no homem, ao centro, Simão chegado a velho, óculos mais graduados do que os que usava em jovem, a mesma magreza de corpo. Na cena familiar, o homem que imaginei ser Simão afaga a cabeça de um cão de dorso preto que tem pela trela, ladeiam-no duas crianças sorridentes, um menino de calções e uma menina de tranças. Há uma misteriosa menina de laçarote na cabeça que apenas se vislumbra dentro da casa.

Quis ver nas crianças os seus netos ou, pelo menos, os seus sobrinhos-netos, na senhora de negro da sua idade a sua mulher, talvez a autora dos poemas.

Desde o início, quis ver no retrato um fim feliz para a sua história. Simão teria, ao contrário de tantos outros dos internados no

Bombarda, conseguido sair? Teria recuperado ou, pelo menos, melhorado o suficiente da sua doença a tempo de terminar os seus dias rodeado de família?

O primo Raul

Estando Simão tão rodeado de pessoas nesta e noutras imagens, perguntei-me também por que razão ficaram os seus objectos para trás. Por que razão ninguém os reclamou e os quis manter junto a si. Para recordar Simão?

Simão viveu em Queluz, mas nasceu na vila de Óbidos. Uma das imagens de grupo podia ter sido tirada junto à muralha do seu castelo. Na Igreja de Santa Maria, o solícito diácono informa-me, desde logo, que os apelidos Carvalho Proença não são dali. Mas permite-me a consulta do livro de baptismos da paróquia.

Encontro Simão a ser baptizado com um mês e dez dias, a 18 de Setembro de 1913. Descubro que o pai de Simão era funcionário público, como o filho, que surge no bilhete de identidade como “aspirante contratado do quadro da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos”. Além do seu baptismo, nada mais. A não ser que os seus pais são das Caldas da Rainha, que fica a uns dez quilómetros.

E, nesta cidade, o último apelido de Simão faz-se presente: há uma farmácia Proença, há um João Proença no monumento aos fuzilados durante as Invasões Francesas. E o Agrupamento de Escolas Raul Proença, jornalista e escritor. Se forem da mesma família penso que,

sendo alguém conhecido, talvez se torne mais fácil encontrar-lhe parentes.

Raul Proença tem netos e uma biografia em dois volumes. Raul Mesquita, um deles, nada sabe sobre Simão, nem nunca ouviu falar dele, embora pertençam à mesma família alargada, ele e o seu avô serão primos distantes. Mostro-lhe as fotografias que restaram de Simão. “Não são do meu tempo. Não conheço ninguém.”

Quer saber onde as descobri. Explico-lhe que as encontrei no Miguel Bombarda, porque Simão lá esteve um dia internado. E aqui surge uma ponte. O seu avô, Raul Proença, também sofria de doença mental.

“Destruíra parte dos móveis e mais recheio do modesto apartamento onde vivia com a família e, seminu e sangrento, pusera-se à janela a bradar imprecações contra amigos e conhecidos, como se de inimigos se tratasse”, escreve António Reis em *Raul Proença - Biografia de um Intelectual Político Republicano*.

É-lhe inicialmente diagnosticada uma forma de “esquizofrenia”, “com episódios paranóides”. Separam os seus nascimentos 29 anos (Raul é de 1884, Simão de 1913), mas a doença de Simão era a mesma, refere o seu processo clínico.

Houve um tempo na história da psiquiatria em que se acreditava que a doença mental se herdava e que era inevitável. Além de se transmitir, tenderia a piorar, de geração em geração. Como uma maldição. A teoria da degenerescência, de Bénédict Augustin Morel, estava em voga no tempo dos primos. →

O psiquiatra Nuno Borja Santos diz que a doença mental não é como a miopia ou a cor dos cabelos, que passam de pais para filhos de forma previsível. Ter um avô esquizofrênico, por exemplo, representa apenas uma probabilidade acrescida de 2% de ter a doença; se for um pai, sobe para 13%. Mas aqui estamos a falar de primos distantes, de diferentes gerações. A maioria dos que são hoje diagnosticados com a doença não tem qualquer história familiar, refere a última edição do *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*.

O internamento de Raul Proença num hospital psiquiátrico surgiu “como uma necessidade – a minha avó adorava-o”, recorda o neto. Impotente, a família fez o que se fazia à época. Raul suplica para sair do Hospital Psiquiátrico do Conde de Ferreira, no Porto. Chama-lhe “masmorra”, “casarão medonho”. Diz que ali o mantém “prisioneiro”, clama ser vítima de “um erro terapêutico”, lembra a sua biografia.

Família e amigos ignoram-lhe os pedidos porque não acreditavam, ao espírito da época, que se pudesse curar fora do hospital e sem ajuda dos médicos. E também, admite o autor da biografia, porque talvez receassem os seus “comportamentos anti-sociais”.

Até que, na década de 1930, surge uma esperança. A leucotomia – que ficará mais conhecida pela designação americana de lobotomia, embora não seja exactamente a mesma intervenção – representava a promessa de cura para algumas doenças mentais. Não houve hesitação da família. Raul Proença teria acesso ao tratamento de vanguarda. E ainda para mais era amigo do médico Egas Moniz.

Era antigo o sonho do homem de conseguir extirpar a loucura do cérebro, como se faz com um tumor. Na Idade Média acreditava-se mesmo que existia “a pedra da loucura” e que era possível curar um louco extraíndo-a da sua cabeça.

Raul é leucotomizado em 1937. Mas o seu problema de saúde permanecerá: registam-lhe até perda de “um pouco de vivacidade” e “um estado psíquico mais deprimido”.

Não é apenas no diagnóstico que os dois primos fazem, sem querer, parte da mesma história. Onze anos depois de o escritor ter sido operado, a leucotomia era “a canção do futuro”, escreve João Lobo Antunes na sua biografia sobre Egas Moniz.

O neurologista português acreditava que danificando uma zona específica do cérebro, associada à zona das emoções, se podia acalmar a turbulência de alguns doentes mentais, escreve Jeffrey A. Lieberman em *Psiquiatria - Uma história por contar*. A operação consistia na remoção de matéria branca de parte dos lobos pré-frontais do cérebro.

Simão foi operado em Maio de 1948. A intervenção era rápida. Primeiro, a cabeça do doente era raspada e este era posto na mesa cirúrgica, sob anestesia geral. Com a ajuda de um cordel e de uma régua, assinalam-se os dois pontos a perfurar com mercurocromo, descreve o cirurgião brasileiro Antônio Carlos Barreto em “Leucotomia Pré-frontal. Resultados Imediatos e Tardios em 100 Casos”.

Brocavam-se depois os dois buracos na frente do crânio, na zona acima de cada um dos olhos. O aparelho a introduzir chamava-se leucótomo, era uma cânula de metal de 11 cms de comprimento por 2 mm. de diâmetro, que tinha na extremidade uma pequena janela, através da qual saía uma asa, que era inserido nos orifícios. “O leucótomo era rodado, escavando uma pequena esfera de te-

cido cerebral, como se retirasse o caroço de uma maçã”, descreve Lieberman. Havia, de seguida, “uma pequena hemorragia óssea, que dura dois a cinco minutos. Na retirada do leucótomo, verifica-se a presença da substância branca”, continua Barreto.

“Os pensos e pontos são retirados ao fim do oitavo dia. O doente volta para a enfermaria, locomovendo-se bem após a operação. Recebe, à tarde, alimentação leve. No dia seguinte repousa. Os distúrbios gerais e neurológicos são de pouca monta e passageiros. Quanto ao risco operatório, é inofensivo.” Como “complicações secundárias” o cirurgião brasileiro referia apenas “apatia e perda de iniciativa”. Egas Moniz receberia o Nobel no ano seguinte à operação de Simão.

Os médicos escrevem que Simão não deu qualquer valor às marcas que passou a ter na cabeça. Dois meses depois lê-se: “O seu estado psíquico mantém-se”. Mas a sua “conduta” mudou: “Verifica-se maior obediência às ordens”, “porque se tornou mais passivo”. Nota-se-lhe também “mais acentuado alheamento perante necessidades práticas”. Se lhe pedem um cigarro e tem uma onça inteira, é capaz de a entregar toda.

Logo no ano a seguir à leucotomia de Simão,

Sair fora da imagem

O seu bilhete de identidade diz-nos que Simão de Carvalho Proença nasceu em 1913 na vila de Óbidos. Numa das fotografias onde aparece acompanhado, Simão rasgou-se para fora da imagem. Aparece sozinho em dez das 33 fotografias que restaram dos seus pertences, que ficaram esquecidos numa caixa de cartão no sótão do Manicómio Bombarda

em 1949, começam a surgir dúvidas. O psiquiatra Barahona Fernandes, por exemplo, escreverá, em *O problema das modificações da personalidade na Leucotomia pré-frontal*, que se trata de “uma terapêutica radical, privando o indivíduo do que tem de mais humano, tornando-o um ser instintivo e reflexo.” E há quem fale de “amputação da alma.”

“Que desejo tenho eu de voltar à vida!”

Simão é admitido no Bombarda a 26 de Março de 1947. Nesse primeiro ano de hospitalização, ainda antes da leucotomia, as observações clínicas registam “alheamento”, contudo, “não há total ausência no sentimento das realidades. Algumas vezes esboça desejo de atingir uma finalidade.” Notam ainda: “Quando lhe falamos na sua saída responde e estabelece connosco melhor *rapport*.”

“Quero gozar as árvores, as sombras, a frescura, a água das fontes, a ternura dos amigos, da família, das mulheres, ouvir rir as raparigas... Quero rir, falar, ouvir falar. Que desejo tenho eu de voltar à vida!”, escreve Raul Proença no hospital psiquiátrico, onde acabará por morrer.





Simão poderá ter sentido o mesmo, mas nunca o terá verbalizado. O máximo que lhe ouvimos é a pergunta: “Diga lá, continuo aqui ou posso ir-me embora?”. Noutras das anotações desse primeiro ano de internamento os médicos escrevem que vive “ensimesmado, em solilóquios constantes, levantando-se muitas vezes do leito em procura da saída.”

É no diário de enfermagem, que só se inicia 15 anos depois da sua entrada no hospital, que mais nos aproximamos do quotidiano de Simão no interior do hospital. Permanecerá internado 37 anos, o que significa mais de 13 mil dias. A equipa de enfermagem tomou notas em 191.

Os registos são, sobretudo, uma sucessão de dias repetidos, com a rubrica do enfermeiro na coluna do lado: “Permanece no pátio andando de um lado para o outro, nada comunicativo, irrequieto, fala só e constantemente.” “Não se nota qualquer alteração no seu estado.” “Idêntica situação.” “Nada a registar.” “Nada se passou digno de nota.” “Sem alteração digna de registo.” Idênticas observações. “Idem.” “Idem.” “Idem.”

Mas há, nas repetitivas notas de enfermagem, a certa altura, algumas que surgem como dissonantes. Como se houvesse alguém, de facto, a atentar nele. Falam-nos de tristeza. A 8 de Setembro de 1962: “Permaneceu no pátio, sossegado, pouco comunicativo e de aspecto triste.” A 2 de Outubro do mesmo ano: “Mantém-se no pátio calmo e sossegado, pouco comunicativo, fala só e amiudadas vezes, revela aspecto de tristeza.” Mas é sempre de “aspecto” que se fala. Simão permanece impenetrável.

Simão de Carvalho Proença não consta da biografia de Raul Proença. Sendo os pais de Simão originários das Caldas da Rainha, procuro livros com os seus apelidos na biblioteca da cidade. Acabo por encontrar, em edição de autor, a *Breve História da Família Proença*. O autor tem os dois apelidos de Simão.

Carlos Manuel de Carvalho Proença, que era jornalista e morreu há cerca de dois anos, começa a história da família no século XVI, com a história do brasão com a águia negra de duas cabeças. O volume inclui uma detalhada árvore genealógica onde se percebe que o avô de Raul era irmão do bisavô de Simão. E na página 71 surge, numa nota bre-

“Os médicos escrevem que Simão não deu qualquer valor às marcas que passou a ter na cabeça depois da operação ao cérebro. Dois meses depois lê-se que ‘o seu estado psíquico mantém-se’. Mas a sua ‘conduta’ mudou: ‘Verifica-se maior obediência às ordens’, ‘porque se tornou mais passivo’

ve, Simão, tio do autor: “Faleceu em Lisboa. Não deixou descendentes.” Nada mais.

Um sapato no lugar de um pai

Simão morreu em Lisboa. Em 1984. Informam-me que certidões de óbito dessa data já não são consultáveis nos Registos Centrais de Lisboa. São óbitos que transitaram, por falta de espaço, para aquele que é, por excelência, o arquivo do passado remoto, mesmo que seja o ano de 1984. Estar no Arquivo da Torre do Tombo faz a morte de Simão parecer ser mais antiga do que foi.

Não basta o ano nem a cidade. Para descobrir uma morte, é preciso saber em que freguesia aconteceu. Cada conservatória guarda as mortes de um pedaço de Lisboa. Não tenho como saber, mas arrisco: talvez tenha morrido no próprio hospital, essa seria uma razão para os seus pertences lá terem ficado. A funcionária responde-me que essa seria então “uma morte da 8.ª [conservatória]”. Trazem-me quatro caixotes.

Às vezes, como nos dicionários, paramos em palavras diferentes daquelas que procurávamos. A caminho da morte de Simão não consigo deixar de parar na morte de um “Desconhecido”, e depois outro e outro e outro, quatro seguidos. Três estavam vestidos, um foi encontrado nu.

Os formulários dos assentos de óbitos não contemplam campos burocráticos para o que se conhece sobre uma pessoa sem nome; então, ocupam-se os que existem. E que estranho é ver escrito nos dados biográficos sobre “um homem que aparenta ter 20 a 25 anos” a descrição da roupa que trazia vestida quando foi encontrado. No campo da “naturalidade” lê-se “camisa branca com riscas”; no espaço para “última morada habitual” ficou “calças azuis de fazenda, cinto castanho, calças castanhas de fazenda. Cinto preto. Cuecas”. E no campo destinado ao “Pai”: “Meias verdes. Um sapato castanho, no pé direito”. A estranheza de ver um sapato no lugar de um pai.

Detenho-me, depois de tantos estranhos, nos pormenores oficiais do fim de Simão. O seu registo de óbito diz-nos que o hospital Miguel Bombarda era, à data da sua morte, “a sua última residência habitual”. O →





que não condiz com a “natureza da sua saída”. “Por evasão”, dizia o boletim hospitalar. A hora da sua morte é “ignorada”.

Sabendo que morreu no hospital, a descrição da sua morte surge, estranhamente, violenta: “Lesões traumáticas craneoencefálicas toraco abdominais raquimedulares e membros”.

“Levanta-se sobressaltado a desoras”

Sabia, pelo bilhete de identidade que Simão tinha na carteira, que era casado, mas no assento de óbito reconheço o nome da sua mulher: Maria Amélia, a autora do poema. Os versos foram escritos em 1941, ainda eram namorados quando lhos dedicou. Casariam no ano seguinte.

Simão era, à data do poema de Maria Amélia, um pacato funcionário das Finanças de 28 anos, na categoria de “aspirante”. Mas a sua transferência para o Norte de Portugal é vista como uma grande contrariedade. É longe de casa que a sua doença se começa a manifestar perante os outros. Na Repartição de Finanças de Cinfães, onde é colocado, começa a desconfiar dos colegas. “Levanta-se sobressaltado a desoras e vai à repartição verificar se os cofres contêm o dinheiro e papéis que lá deixara”. Na rua insultam-no, começa também a haver pessoas “a escarrar quando passa”. De noite, ouve insultos como “ladrão, gatuno, corno”. Em casa, começa a desconfiar da mulher com quem acabara de casar. “Mostrava grande animosidade contra a esposa, isolava-se em casa, não dormia”, escreve-se nas notas clínicas.

Se tivesse comprado o jornal desse dia, era provável que não tivesse reparado numa notícia tão breve, apenas um parágrafo. Mas as poucas linhas encerram uma fase da sua vida

“
Na repartição de
finanças de Cinfães,
onde é colocado,
começa a
desconfiar dos
colegas. ‘Levanta-se
sobressaltado a
desoras e vai à
repartição verificar
se os cofres contêm
o dinheiro e papéis
que lá deixara’

e anunciam outra: o Simão funcional, funcionário público, recém-casado com uma mulher que lhe dedica um poema, dá lugar ao Simão doente. Título: “Um doente lançou as mãos ao pescoço do médico quasi o estrangulando.”

No espólio de Simão restou o rascunho de uma carta escrita pela irmã, Adelaide de Carvalho Proença, em que tenta interceder por ele, explicá-lo junto “de V. Exa”. Pede que o percebam, “visto ser humano”, e lhe perdoem nos momentos em que “perde o controlo dos nervos”, “devido à sua doença, como oficialmente comprovado”.

“A violência, salvo raras exceções, dependerá sempre mais da personalidade, ou, se quisermos, da maneira de ser, do que da patologia”, explica o *Manual de Psiquiatria Forense*, tentando desmontar a costumeira ligação que se faz entre doença mental e violência.

A família de Simão, depois do episódio de violência, tenta de tudo. Interna-o na Casa de Saúde do Telhal, para pessoas mentais com posses, e também no Hospital Júlio de Matos, onde receberá electrochoques. Nestes primeiros tempos da doença de Simão não havia ainda psicofármacos eficazes, que surgiram já na década de 50 e lhe seriam dados mais à frente, já numa fase mais avançada da sua doença.

Na década de 40, “não havia mais nada para controlar as alucinações e os delírios”, explica Inês Cunha, coordenadora da Unidade de Electroconvulsivoterapia (designação moderna dos electrochoques) do Hospital Júlio de Matos, em Lisboa. Os electrochoques eram então o primeiro recurso no tratamento da doença mental, agora são um último. Aplicam-se ainda em casos de esquizofrenia resistente, ressalva. Nessa altura, Simão sai “melhorado” do tratamento.





Ida e volta

Na sua carteira tinha um desdobrável com os horários de comboios da linha que liga Lisboa a Sintra. Assim como bilhetes de assinatura trimestral para viagens de ida e volta entre Lisboa e Queluz, onde morava

As vozes

Mas as coisas voltam ao mesmo e a família, três anos depois daqueles tratamentos, cinco anos depois do seu casamento, decide interná-lo, desta vez no Miguel Bombarda, em 1947. Tinha 34 anos.

As costas do poema dedicado a Simão estão todas manuscritas mas pouco se consegue entender a não ser a sua assinatura completa - "Simão Augusto de Carvalho Proença" - escrita muitas vezes e de várias formas, a direito, do avesso, sobreposta a outras. Assim como duas palavras: "As vozes."

É já no hospital que elas ganham corpo. Chamam-lhes "pessoas subterrâneas". "Olhe, lá estão eles agora a falar." "Puseram-me uma telegrafia nos ouvidos." "Estão para aí a dizer parvoíces." "Dizem coisas sem interesse, a maior parte são mentiras". "De noite não as ouço." - "Vozes, sempre as mesmas, que lhe comentam os actos", anota um médico.

Sinto que, para tentar perceber uma doença mental tão grave como a esquizofrenia, ler não basta. Peço para assistir a um grupo terapêutico de doentes, que funciona no hospital psiquiátrico Júlio de Matos. A condição é que não tire notas, que não fique de fora, que a minha cadeira seja incluída no círculo, que me apresente e que diga ao que venho e nada me será dito sobre os diagnósticos de cada uma das pessoas.

Um dos membros habituais faltou, mas talvez esteja mais presente do que qualquer um dos que ali estão sentados. Já todos o sabiam: Ricardo (nome fictício) tentou suicidar-se.

Ricardo tinha feito o circuito: tinha estado no pavilhão de convalescença, onde decorre a reunião, tinha transitado para o 18, onde os doentes deixam de ter acompanhamento de enfermeiros e técnicos 24 horas por dia, e seguido para a Residência dos Plátanos, que fica

dentro do recinto do hospital, mas pretende ser uma última etapa antes da saída para o mundo exterior.

A filosofia da psiquiatria actual é a do treino para a saída. A reabilitação psiquiátrica é como um ginásio para a vida cá fora. É o contrário do tempo de Simão. Onde tudo estava pensado para os conter, para os fechar, para os afastar do mundo.

Reabilitação, no caso de doentes esquizofrénicos, pode significar aprender ou reaprender tarefas que parecem tão simples como fazer a higiene pessoal ou apanhar transportes públicos, mas também treinar capacidades sociais, que se podem perder, como saber iniciar uma conversa, fazer um pedido num restaurante, manter a distância pessoal adequada, falar de sentimentos, fazer amigos, enumera o livro *Esquizofrenia: Teoria e Prática*.

Não se sabe o que terá levado Ricardo a atirar-se da janela. A mudança? Demasiada liberdade? Mas, mesmo depois de se falar no que lhe aconteceu, o membro ausente continua a pairar e eu vou adiando a minha apresentação, porque o que ali me traz, um homem que já morreu e por quem já nada há a fazer, se torna, de repente, pouco importante.

Chega a minha vez. Explico que estou a escrever sobre "pessoas com doença mental" que já morreram e que passaram as suas vidas fechadas no antigo manicóquio Bombarda. Digo como estou sobretudo interessada em perceber a doença de um senhor chamado Simão de Carvalho Proença, que foi diagnosticado com esquizofrenia paranóide. "Isso é o que dizem que eu tenho", diz Bruno (nome fictício).

"Outro tipo de mundo"

Bruno, de 26 anos, consegue conferir à sua doença uma leveza que ela não tem. Quase soa a aventura. "É assustador, é um outro tipo de mundo. É tipo desenhos animados ou então entres num conto de fadas."

Houve um tempo em que só na cama, imóvel, Bruno se sentia seguro. No processo clínico escreve-se que Simão não tinha consciência da sua doença, Bruno também não. No início.

Tentou de tudo, primeiro, para explicar as vozes, depois para as calar. As primeiras vozes eram conhecidas, de amigos. Tinha 22 anos. Tinha alugado a cave da sua casa a um amigo e tentou explicar as vozes convencendo-se de que o amigo do piso abaixo do seu tinha convidado outros amigos, daí as vozes diferentes. "Ao mesmo tempo", pensava, "como é que eu estou a ouvir tantas" →

vozes da cave se eu nunca ouvi a do meu amigo?”

Depois tentou abafá-las, enrolando tufos de algodão molhado nos ouvidos. O volume diminuía. Como quando está com pessoas ou quando sai à rua: “Não ouço tanto”. Tentou pôr música muito alto para as calar. Às vezes tapava os ouvidos e ouviam-no dizer “tirem-me daqui”. Daqui? De onde? De si. Mas ele ainda não sabia.

Tomava comprimidos para dormir. A dormir não as ouve, embora elas não durmam. Porque as pessoas calam-se, fazem pausas, cansam-se de falar, “as vozes” não, continuam a falar, a toda a hora e momento. “Estas vozes não são humanas.”

O problema não é só a sua existência, é o que transmitem: “É tudo assustador. Todos te querem mal. Parece que estás num filme de terror, tipo Dolby Surround. Aparece um susto e tu tremes de medo, é essa a sensação, de susto perante o terror, o tempo todo”. “As vozes treinam-te para o medo. Coisas sem lógica.”

Trabalhava numa fábrica e as vozes diziam-lhe que ia arder e que iam morrer queimados e ele não descansou enquanto não saiu. Teve de dizer ao patrão que estava mal-disposto, não podia dizer a verdade. Ou, então, acontecia-lhe no simples acto de fritar: o som, aquele crepitar do óleo na frigideira, eram pessoas a gritar, como se estivessem a ser esturricadas. E ele tinha de desligar o lume para as salvar. “O problema é que é tão real. Às vezes são tão reais que não dá para acreditar que são mentira. E nada do que dizem se aproveita, é tudo, tudo mau.”

Na Internet, há vários “simuladores de esquizofrenia”. São gravações, baseadas em relatos de doentes, que pretendem aproximar-nos do que pode ouvir uma pessoa com esta doença. Aconselham-nos, para melhor sentirmos “a experiência”, a ter tudo à volta em silêncio. Fecho a porta do quarto, coloco os auscultadores: “Porque é que vais atender o telefone? Não atendas! Tu não tens amigos”; “Não bebas esse café, está a arder”; “É o correio: não atendas, foste estúpida em ir abrir a porta”; “Não devias ter dito aquilo na reunião, que idiota, és mesmo estupidaaaaa!”

É como se “as vozes” fossem membros de um coro que tira vez para comentar as nossas acções e nos desaconselha a fazer o que tentamos fazer. Como se a mente aumentasse o volume das inseguranças que, em maior ou menor grau, todos sentimos, e abafasse todos os recursos que usamos para as combater. E as amplificasse, aumentando-lhes o som, a cadência, numa torrente que não pára.

Às vezes, Bruno consegue dar-lhes a volta. “Segundo as vozes, estou fodido, mas nunca foi comprovado.” As vozes já lhe disseram para se matar ele já pegou numa faca e, obedecendo-lhes, chegou a encostá-la contra a barriga, mas sentiu dor: “Se queres matar-me, mata-me tu. Eu é que não me mato”, graceja.

As vozes também lhe

dizem que não vai chegar aos 30 anos. “Acho que estão enganadas”, diz, jocoso. Pede para interromper a conversa porque lhe anunciam a chegada de dois amigos que o vêm visitar. “Tudo fixe?”, diz com sorriso largo, enquanto abraça um deles.

Há um mês que está internado no Júlio de Matos. “Sinto que estou a atrasar a minha vida”. Mas encontrou uma solução que durante anos não sabia que existia: “Sempre que sinto que não aguento mais, meto-me num Uber e venho para o hospital.”

“Quero viver a minha vida e curar-me ao mesmo tempo, não quero ficar aqui, senão perco a minha vida”. “Vou calar estas vozes com comprimidos. Fora as vozes, sou uma pessoa normal.”

Pássaro na gaiola

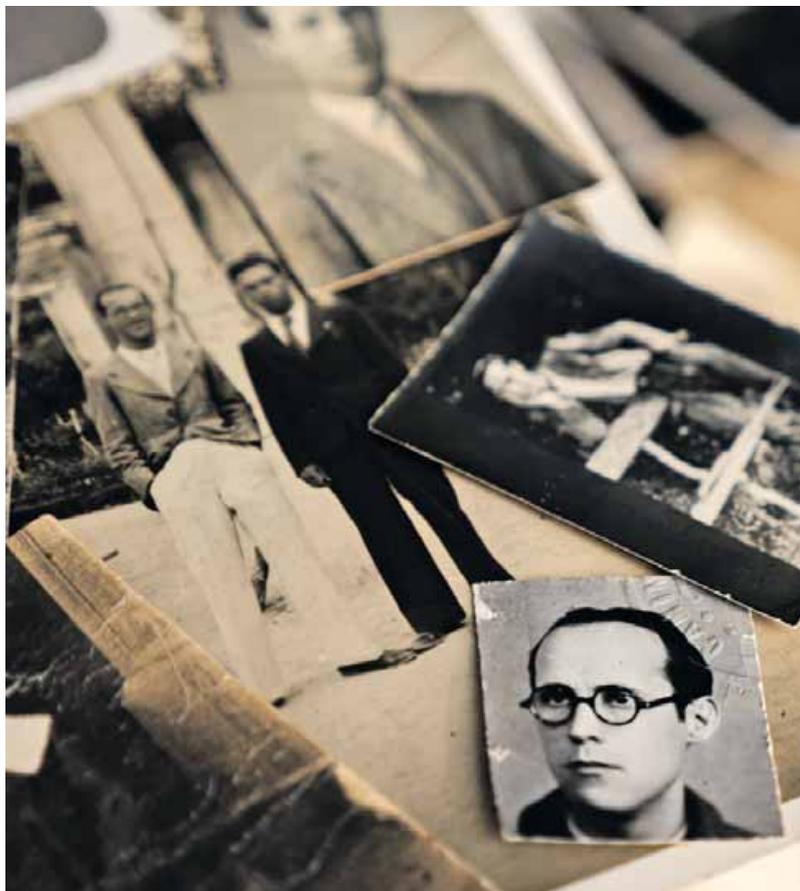
Simão esteve internado mais de metade da sua vida: 37 de 70 anos. “A sério? Não consigo imaginar, se um mês já me custa...”, diz Bruno. O seu máximo de hospitalização foi dois meses e, agora, em pleno grupo terapêutico, pede a palavra para falar ao coordenador, o enfermeiro Alexandre Costa. É sobre um pássaro.

Bruno diz que ele é “como um pássaro que está na gaiola”, quer estar na gaiola, está-lhe a fazer bem estar na gaiola, mas, se o deixarem sair no fim-de-semana, ele depois volta, ele promete que volta. Talvez se perceba por que recebeu o prémio “Revelação do Ano” como operador numa empresa de telecomunicações. O enfermeiro Alexandre Costa diz que vão, então, tratar disso. No serviço de reabilitação psiquiátrica a pessoa tem de aceitar tomar a medicação, mas a permanência é voluntária. “A porta é aberta.”

Ao ouvir Bruno e a sua metáfora do pássaro, penso em Simão, e em como seria impossível usá-la no seu tempo, com a ligeireza com que o faz Bruno, de modo quase traquina.

Chaves de fuga

A 4 de Fevereiro de 1975, Simão fugiu: “Pelas 8h30 deu-se pela falta do internado Simão não voltando a ser visto na enfermaria. Agende-se um período de 30 dias até possível regresso do doente e comuniqué-



Simão chegado a velho?

Uma das fotografias que Simão deixou no hospital psiquiátrico (em baixo) mostra uma cena familiar em que, ao centro, parece estar Simão chegado a velho. Ao lado, Simão surge de calças brancas e camisola de manga cava

se à família.” Estava internado há 28 anos.

Agrada-me pensar na fuga de Simão nesta data como um acto intencional de rebeldia anti-sistema, quando, provavelmente, não seria mais do que uma fuga desorientada.

E lembro as formas criativas encontradas por antigos doentes para tentarem escapar de instituições psiquiátricas, nomeadamente do Bombarda. O livro *Almas Delirantes - Do Telhal a Rilhafoles* (nome do hospital Bombarda quando foi fundado) mostra “chaves de fuga” fabricadas a partir de colheres e garfos de estanho e de ganchos e pregos de ferro.

O regresso de Simão não fica registado. Sabemos apenas que voltou. E permaneceu internado. Mas nada há escrito sobre o que fez depois desta data. Só antes.

As notas de enfermagem sobre Simão estão concentradas entre 1962 e 1966. “Começou a ocupar-se na oficina de dobragem de papel com regularidade, mas diz que trabalha dificilmente pela falta de visão, pedindo que lhe dêem óculos, porque já os usava antes de ser internado onde os partiu cá no hospital. Alimenta-se e dorme bem.” “Pede com impaciência uns óculos para ver melhor”, reitera-se. Não chegamos a perceber se lhe arranjaram uns novos, ou se deixou de os pedir. Quando um dia lhe perguntam qual é a sua profissão, ele responde: “Aspirante vitalício”.

Porque é que não há notas de enfermagem sobre Simão nos restantes 33 anos? Deixaram de atentar nele? Ou até as observações “nada a registar” deixaram de ser dignas de nota? Como se os restantes dias de Simão tivessem sido um longo e interminável “idem”.

Em 1960, morreu-lhe a mãe. O aconte-





peço a mim mesma, não apenas um doente psiquiátrico de quem encontrei por acaso uns objectos. Isabel diz “o meu tio Simão” com um carinho que o valoriza e o retira daquele espaço impessoal por onde se desloca com “aspecto triste”, daquelas notas de enfermagem, naqueles longos 37 anos – “permanece no pátio andando de um lado para o outro, fala só e constantemente” – e o torna parte de alguém. Com Isabel, Simão deixa de ser a preto e branco.

Isabel Proença Chaves vive em Queluz, onde Simão também morava. Quer ver as fotografias que o tio deixou no hospital e conhecer a sua história, seguramente triste. Quer também transmitir-me o que sabe do tio. “Há sempre, assim, uma pessoa mais curiosa nas famílias, uma que faz mais perguntas.” Na sua casa, era ela.

Havia na sala onde cresceu uma moldura dos quatro irmãos do avô. Falava-se muito de um deles, do tio Feliciano, por ter dado um grande desgosto à família partindo para Moçambique sem dar notícias. Acabaria por se saber da sua morte em Quelimane. Mas nada circulava sobre o tio franzino. “E este?”, perguntava Isabel, quando era pequena. “Este esteve doentinho. Estava no hospital.” A mãe não lhe dizia grande coisa. “Doentinho de quê?”

Luzia de Carvalho Proença, a mãe de Isabel que assim lhe respondia, e que participa da conversa, agia da mesma forma fugidia com que na família sempre se falou daquele membro ausente. “Na altura, não se falava dessas doenças”, nem eles saberiam muito bem qual era. “Era esquizofrenia”, informo-a. “Não sabia”. Não se diziam nomes. Ficavam-se por um “era tolinho” ou “maluquinho” e rodopia o dedo indicador junto à frente. Tudo muito vago.

Trouxe cópias das fotografias que restaram de Simão dentro do hospital. Luzia pede os óculos à filha: não sabe quem são aquelas pessoas ao lado de Simão. Isabel menos ainda, mas pode dizer que no dia em que o tio andou de barco com os três amigos, remavam na lagoa da Foz do Arelho, “o paraíso da nossa família”. A fotografia com o amigo sob um caramanchão foi tirada no jardim das Caldas da Rainha, junto ao lago. E as fotografias de Simão ganham de repente cor.

“Dizem que as pessoas morrem quando nos esquecemos delas”, diz Isabel. “Eu ainda sei quem é o meu tio Simão, sei identificá-lo numa fotografia.” Pelo menos enquanto adulto.

Isabel desconhece se o menino de gola branca, calções e soquetes com uma mão de adulto em cima do ombro era Simão em criança, e já não há ninguém a quem perguntar. As pessoas que enchiam escadarias nas suas fotografias morreram todas.

“Olá, Carlitos”

Mostro a Isabel Proença Chaves a imagem onde eu sempre quis ver Simão chegado a velho, a mesma delgadeza de corpo, os mesmos óculos redondos. Diz-me que foi tirada na vivenda de Belas que a família terá tido que vender. “Era uma família com meios, diz-se que para tratar do Simão tiveram que vender tudo.” Mudaram-se depois para o tal andar na Avenida António Enes. Mas aquele homem que sempre imaginei ser Simão chegado a velho não é, afinal, ele: “É o pai, eram parecidos”.

O menino de calções na imagem era Carlos, sobrinho de Simão e pai de Isabel, o homem de 88 anos cuja história de família encontrei na Biblioteca das Caldas da Rainha. A mulher sorridente de risca ao meio era a irmã de Simão, Adelaide, que nunca se casou e o ia vi-

66

Dizem que as pessoas morrem quando nos esquecemos delas. Eu ainda sei quem é o meu tio Simão, sei identificá-lo numa fotografia
Isabel Proença Chaves



sitar “todos os domingos e lhe levava comida, franguinho assado, roupa lavada, cigarros.” O cão chamava-se *Nero*. A menina de laço-tes dentro da casa, Isabel imagina que talvez fosse “filha da criada da família”, deve ter sido apanhada por acidente.

Nenhuma daquelas senhoras é a mulher de Simão? Luzia conta “que a Amélia até era uma mulher muito bonita” e “que um dia se agarrou à minha sogra [mulher do irmão de Simão] a chorar.” Isabel ouviu dizer “que a mulher deixou o tio Simão e que ele chorava muito”. “A partir daí, o meu tio veio para casa dos pais.”

Não há, afinal, fotografias de Simão enve- lhecido. Apenas uma imagem, ficou na cabeça de Isabel: era ela pequena e acompanhou o pai numa visita ao hospital Bombarda. Isabel recorda o tio-avô como “um homem muito magro, vestido com roupa do hospital, as calças uns seis números acima do seu, presas por um cordel, com um ar miserável.”

O pai de Isabel não via o tio Simão desde criança, tinham passado uns 40 anos, e, no entanto, o homem, que o hospital descreve como “desorientado no tempo e no espaço”, reconheceu no rosto de um adulto de meia-idade, “homem feito, careca e barrigudo”, a criança que tinha conhecido, a da fotografia: “‘Olá, Carlitos’. E fez-lhe uma festinha”. “O meu pai, emocionadíssimo, foi para o carro chorar”. Isabel, pequena, foi com ele. Nunca mais viu o tio Simão.

Tal como acontecera anos antes, Simão decide, de novo, fugir do hospital. Foi caminhando junto à linha de comboio, talvez porque era o que lhe era familiar, diz Isabel, “viveu sempre próximo de linhas de comboio, na Avenida António Enes, em Queluz, e na vivenda da fotografia, em Belas.” Os comboios eram a banda sonora da sua vida fora do hospital. O último “bilhete de assinatura para viagens de ida e volta entre Lisboa e Queluz” que tinha na carteira caduca- ra há 39 anos.

Isabel Proença Chaves lembra que a irmã que o visitava soube da morte pela casa funerária, uma hora antes de o hospital a ter avisado. E que essa irmã nunca foi informada que Simão deixou objectos dentro do hospital, senão teria querido ficar com eles.

A irmã Adelaide, a que todos os domingos lhe levava comida ao hospital, não teve forças para ir reconhecer o corpo. E, sim, a sua morte, “lesões traumáticas craneoencefálicas toraco abdominais raquimedulares e membros”, foi violenta, conta-me a sobrinha-neta. “Na vez dela, fui eu”, lembra Luzia.

Ignora-se a hora da sua morte porque ninguém estava presente. Simão morreu sozinho. Mas sabe-se que morreu em Benfica, na linha de comboio que era a sua, a quatro estações de casa onde já não vivia há quase 40 anos.

Na data que o hospital registou como o dia da sua “evasão”, a 3 de Abril de 1984, a sua última casa tinha sido demolida há dois anos e estava em fase final de construção um prédio de escritórios de seis andares e um centro comercial, indica o volume da obra. “O meu tio Simão foi trucidado por um comboio. Nós pensamos que estava a tentar voltar para casa.”

“Quando lhe falamos na sua saída, responde e estabelece connosco melhor *rapport*.” “Levanta-se muitas vezes do leito em procura da saída.”

Esta série de reportagens foi realizada com o apoio de uma Bolsa de Investigação Jornalística da Fundação Calouste Gulbenkian

cimento apenas ficou escrito porque o hospital teve de informar o tribunal “de que não está em condições mentais de ser citado para fins de herança”. No ano seguinte morreu-lhe o pai. Em 1963 – mais de duas décadas depois do poema que a namorada lhe dedicou – o tribunal oficializou a “dissolução” do seu casamento.

No seu processo regista-se, contudo, que “costuma ter visitas. Há uma irmã que o procura regularmente”: “Há uma mulher que traz um farnel. Ela diz que é minha irmã... vem cá aos domingos...”.

“O meu tio Simão”

Na biblioteca das Caldas da Rainha, onde encontrei o volume sobre a história familiar, arranjam-me o telefone da filha do autor, sobrinha-neta de Simão. Preparo-me para lhe ligar, com receio. Quem é que quer ver ressuscitado um tio-avô louco do qual terá talvez apenas ouvido falar? Ou nem isso...

Penso muito bem no que vou dizer no telefonema, por onde começo, tomo notas: começo pelo fecho do Bombarda? Do espólio do Bombarda? Chamo-lhe espólio? Menciono antes umas fotografias de família que encontrei num sítio? E só depois é que lhe digo que foi num hospital psiquiátrico?

Quando pronuncio pela primeira vez a palavra “Bombarda”, é Isabel Proença Chaves quem se adianta. “Tive lá um familiar meu.” É Isabel quem me abre as portas para falar de Simão e o que lá passou. “Foi lobotomizado.” Chegou a conhecê-lo? “Sim, o meu tio Simão.”

“O meu tio Simão.” É como se, perante este tratamento, ele se tornasse, de repente, em

O que eles deixaram
no manicómio

Simão

“levanta-se
muitas vezes
do leito
em procura
da saída”

P4 a 13



Prematuros
Todos os dias nascem 19 bebés antes do tempo. Madalena e Francisca pesavam menos de 650 gramas
Sociedade, 14



Vítimas da *Legionella* querem mais de 2,6 milhões do Estado

Associação já entregou no tribunal uma acção popular contra o Estado. Exige indemnizações para 330 vítimas do surto de 2014, em Vila Franca de Xira, que ficaram de fora do processo-crime **Sociedade, 15**



PAULO PIMENTA

Barragem de Daivões
A aldeia de Ribeira de Baixo vai desaparecer. Famílias recusam trocar a casa por contentores **Destaque 2a5**

P2
O que eles deixaram no manicómio Simão esteve internado 37 anos e fugiu



Um ano depois, “coletes amarelos” voltaram às ruas

Carros incendiados em Paris e mais de 100 detidos. O movimento foi criado há um ano e assinalou aniversário com protestos **p22**

Governo quer ter a primeira refinaria de lítio da Europa

Secretário de Estado João Galamba quer convencer empresas europeias a trazer para Portugal uma refinaria de lítio **p18/19**

“A Europa é responsável por mortes em massa”

Entrevista O advogado Omer Schatz explica porque avançou com uma acção legal contra a UE no Tribunal Penal Internacional **p20/21**

Ainda há cartazes das legislativas por recolher

Lei obriga a que propaganda seja retirada das ruas. Mas não define prazos. Partidos garantem que já estão a remover materiais **p10**

idealista

A maneira certa de encontrar casa